

CULTO LUTERANO E CHOQUE CULTURAL: A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

LUTHERAN SERVICE AND CULTURE SHOCK: FROM THE POINT
OF VIEW OF A PERSONAL PRACTICE

Carlos Walter Winterle

Resumo: A partir da experiência vivida e adquirida durante os meus 50 anos de ministério enfrentando diferentes situações culturais, faço uma análise do quanto a estrutura litúrgica da nossa Igreja Luterana ajuda no contexto missionário/evangelístico para proclamar CRISTO PARA TODOS. Não me detive em pesquisas para não apresentar opinião e experiência de outros, mas é meu objetivo compartilhar as minhas experiências e conclusões. Diante de um declínio do número de membros na maioria das igrejas luteranas tradicionais na Europa e nos Estados Unidos, vemos que a igreja do Brasil e as igrejas da África continuam crescendo. E é no Brasil, no Quênia, na África do Sul e em Moçambique que exerci meu ministério. Daí a opção de compartilhar experiências nestes países como um incentivo a olhar para oportunidades que Deus nos abre para a evangelização através de um culto litúrgico organizado e cheio de conteúdo salvífico.

Palavras-chave: Tradição. Instrução. Proclamação.

Abstract: From the life experience collected during my 50 years of ministry facing different cultural situations, I made an analysis of how much the liturgical structure of our Lutheran Church helps in the missionary/evangelistic context to proclaim CHRIST FOR ALL. I have not made research so as not to present opinion and experience of others, but it is my goal to share my experiences and conclusions. In the face of a declining

membership in most traditional Lutheran churches in Europe and the United States, we see that the church in Brazil and the churches in Africa continue to grow. And it is in Brazil, Kenya, South Africa and Mozambique that I have exercised my ministry. Hence the option to share experiences in these countries as an incentive to look at the opportunities that God opens to us for evangelization through an organized liturgical service full of salvific content.

Keywords: Tradition. Instruction. Proclamation.

LITURGIA E CULTO NUM CONTEXTO MISSIONÁRIO/EVANGELÍSTICO | CONTEXTUALIZAÇÃO E CUSTOMIZAÇÃO: SITUAÇÃO 1

Recém-formado, proveniente de um ambiente luterano tradicional, fui literalmente “jogado” num bairro pobre da periferia de São Paulo, SP, para plantar uma igreja. Havia pessoas de todos os lugares do Brasil, que haviam vindo a São Paulo tentar a vida. Todos estavam construindo suas casinhas, fazendo um puxadinho aqui e outro acolá para abrigar os filhos e os parentes que queriam vir a São Paulo também. A grande maioria era de origem católica “folclórica”, sem quase nenhuma instrução bíblica.

Por onde começar? Deus me deu o dom de trabalhar com crianças. A partir de uma pequena Escola Bíblica iniciada por uma jovem luterana na garagem de um amigo, naquele bairro, desenvolvemos o ministério com crianças já durante o meu estágio e continuamos depois de ter sido designado para aquele lugar. A partir das crianças, atingimos os pais. Oferecemos estudos bíblicos nas casas. Fomos muito bem aceitos.

Na Páscoa de 1973, foi realizado o primeiro culto na pequena garagem. Lá estava o jovem pastor, todo paramentado de preto, sob o olhar curioso das crianças e de alguns pais que haviam aceitado o convite. Que liturgia usar? Não havia facilidade de fotocópias; e telão, nem pensar... A liturgia foi reduzida ao essencial: Invocação, Confissão e Absolição, Leituras Bíblicas, Sermão, Ofertas, Oração e Bênção. O canto ficou por conta das crianças, que cantaram os corinhos aprendidos na Escola Bíblica. – A Páscoa se tornou o grande culto anual da congregação, celebrando a obra redentora de nosso Senhor Jesus.

Quando houve a primeira profissão de fé, começamos com a celebração da santa ceia. Os responsivos eram falados, o *Sanctus* e o *Agnus Dei* eram cantados, após alguns ensaios com a jovem congregação.

Aos poucos, alguns outros elementos da liturgia foram sendo introduzidos. Mas, como não tínhamos organista, ficava difícil celebrar toda a liturgia cantada. Eu mesmo tocava os hinos num velho harmônio herdado do meu pai.

Não tenho o registro exato, mas lembro que já foi na igreja em construção que um organista convidado acompanhou toda a liturgia. Isso foi uns 10 anos depois do início do trabalho, e a congregação já tinha crescido consideravelmente. Tínhamos recebido algumas transferências de luteranos, que conheciam a liturgia, o que facilitou o canto.

Hoje, fazendo uma análise daquele início, vejo que houve um elemento que facilitou a aceitação do nosso sistema de culto/liturgia por parte dos novos convertidos. Muitos deles vieram da Igreja Católica Romana e estavam acostumados com as vestes e ladainhas dos padres. Nos chamavam de “católicos mansos”, pois tínhamos uma aparência externa de católicos, mas não éramos legalistas.

O choque cultural talvez foi mais da minha parte do que da parte dos moradores daquele bairro. Em todo o caso, eu parecia mais um missionário americano ou alemão do que brasileiro: alto, magro, de olhos azuis, com sotaque gaúcho carregado... Sempre perguntavam se eu era americano...

O trabalho com crianças e os estudos bíblicos nos lares foram peças fundamentais para a integração com a sociedade local e para o crescimento da igreja. A aproximação com a sociedade local, sem levar em conta o desnível cultural e social, foi uma maneira de mostrar o amor de Deus para cada pessoa contatada. E Deus chamou muitos para a comunhão da sua igreja.

Esta relação de proximidade e confiança também colaborou para a aceitação das propostas feitas pelo pastor quanto à forma de culto e a liturgia. Numa época em que alguns pastores e líderes leigos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) tentaram abolir o formalismo do culto, deixando de lado as vestes talares, a liturgia e os hinos luteranos, tendendo mais para uma linha carismática, a linha que eu seguia não trouxe prejuízo para a missão. Muito pelo contrário, quando alguns do movimento luterano carismático tentaram se infiltrar na missão daquele bairro, foram

rechaçados. Estou falando na década de 1970, e eu estava no meio do fogo cruzado em São Paulo.

Acho que essa experiência vale ainda para as frentes missionárias de nossos dias. Não é o formalismo do culto/liturgia que vai trazer ou afastar alguém; nem a informalidade na maneira de se trajar e agir; mas é a fidelidade à Palavra e aos sacramentos e o amor demonstrado pelo pastor às pessoas que Deus coloca em seu caminho, sejam membros ou prospectos.

Vale a pena lembrar que nos meus 50 anos de ministério (contando o estágio) eu acompanhei a transição do talar preto para a alba, da camisa com gravata para a clerical, a introdução das estolas acompanhando as cores litúrgicas dos paramentos do altar, a participação de bandas acompanhando o culto, e o advento da tecnologia (teclados, microfones, multimídia), sem mencionar todas as outras mudanças acontecidas neste período.

Não sou adepto do formalismo pelo simples fato de ser formal, tradicional ou litúrgico, como queiram chamar. Acho que alguns exageros estão sendo cometidos neste campo, quando pastores nem dirigem uma saudação informal antes de começar o culto e todo o ritual deve ser milimetricamente seguido e calculado. Por outro lado, alguns pastores abusam da informalidade e o culto se transforma numa “aula” ou num show, em que tudo é comentado e explicado durante o culto, e não há mais ambiente de adoração, de concentração, de culto.

LITURGIA E CULTO NUM CONTEXTO MISSIONÁRIO/EVANGELÍSTICO | CONTEXTUALIZAÇÃO E CUSTOMIZAÇÃO: SITUAÇÃO 2

Após 15 anos, aceitei o chamado de uma congregação considerada tradicional. Vários fatores haviam levado a congregação a um declínio. Depois de um período de ambientação, ousei mexer na liturgia, mas sem ignorar o valor histórico e teológico da Ordem do Culto. Elaborei e adaptei várias liturgias, sempre preservando a espinha dorsal da ordem do culto. Com a facilidade de cópias xérox, foi fácil ter a participação da congregação nos responsivos e em hinos novos. Valorizei o ano eclesiástico, usando liturgias específicas para cada época e repetidas/atualizadas ano após ano. O coral teve papel fundamental na apresentação das novidades introduzidas.

O envolvimento da diretoria e dos departamentos também colaborou para a boa aceitação das mudanças. Após organizar uma juventude forte, os jovens introduziram a banda nos cultos. Conteí com a proximidade da Escola de Música “Tio Zequinha”. Vários jovens aprenderam instrumentos clássicos e acompanhavam o órgão de tubos nos cultos. A Orquestra do “Tio Zequinha” participava dos cultos em datas especiais. Olhando para trás, esse foi o momento alto do meu ministério no que diz respeito à adoração e à música nos cultos.

A primeira Páscoa na congregação foi frustrante. A morte e ressurreição de Cristo são momentos centrais da fé cristã. Na congregação anterior, o culto da Páscoa era um dos cultos com maior frequência e participação. A realidade na nova congregação era diferente: todo mundo aproveitava o feriadão para ir à praia. Pensei comigo mesmo: Há quantos anos a maioria da congregação não ouvia uma mensagem de Sexta-Feira Santa e de Páscoa? Apresentei o assunto à Diretoria e ganhei autorização para elaborar um culto de Semana Santa no Domingo de Ramos do ano seguinte. Dividi o momento do culto em três espaços de 20 minutos cada: Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa e Domingo de Páscoa, o que levou o culto a ser chamado de “três em um”. Mais tarde acrescentei um momento dedicado à Quinta-Feira Santa. Vamos resumir o projeto do culto da Semana Santa, a cada ano com uma temática própria:

- 1) **Domingo de Ramos:** Participação especial das crianças e jovens, entrando na igreja com ramos e cantando. Leituras bíblicas apropriadas, breve mensagem, orações, canto coral e congregacional.
- 2) **Quinta-Feira Santa:** Trocados os paramentos para a devida cor litúrgica, as leituras, mensagem, confissão e absolvição preparavam para a celebração da santa ceia. A Diretoria ou os jovens eram os assistentes.
- 3) **Sexta-Feira Santa:** Às vezes usando o processional das três cruces e hinos próprios para o momento, os jovens encenavam a paixão de Cristo ou liam mensagens apropriadas para o momento. As luzes da igreja eram apagadas, os paramentos eram pretos...
- 4) **Páscoa:** Música vibrante tocada pelo órgão, troca dos paramentos para a cor branca, as senhoras do Departamento Feminino e as crianças e jovens entravam com flores brancas, colocadas sobre e em volta do altar. A nova vida trazida pelo Cristo ressuscitado

era celebrada nos hinos do coral e da congregação, nas leituras bíblicas e nas mensagens lidas por senhoras, as primeiras testemunhas da ressurreição.

A celebração da Semana Santa teve boa aceitação e tornou-se tradição na congregação, reunindo grande número de fiéis que antes perdiam a oportunidade de celebrar a morte e ressurreição de nosso Senhor. – Os demais cultos da Semana Santa aconteciam normalmente, mesmo com baixa frequência devido ao feriadão.

Outro momento alto era a celebração do Natal. Com cerca de 10 a 12 ensaios, envolvendo muitas crianças, jovens e o coral, a celebração da Véspera do Natal extrapolou o tamanho de igreja e, depois de algum tempo, teve que ser realizada ao ar livre, em frente ou ao lado da igreja, para comportar os participantes e o povo que vinha celebrar o nascimento de Jesus. Uma boa equipe de trabalho dava todo o apoio para a organização e a celebração do evento.

Pentecostes e outras datas não litúrgicas, como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, etc., também eram lembradas com liturgias especiais. A liturgia tradicional (Liturgia II) era celebrada uma ou duas vezes ao mês.

Foram dez anos de intensa atividade congregacional e litúrgica, entendendo a liturgia como um momento de adorar a Deus, de proclamar o evangelho e de envolver a congregação no culto ao nosso Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

LITURGIA E CULTO NUM CONTEXTO MISSIONÁRIO/EVANGELÍSTICO | CONTEXTUALIZAÇÃO E CUSTOMIZAÇÃO: SITUAÇÃO 3

Choque cultural no sentido restrito da expressão aconteceu quando recebi e aceitei o chamado para ir à África, mais especificamente, para Nairobi, no Quênia, e depois para a Cidade do Cabo e mais tarde para Pretória, na África do Sul.

Nairobi, Quênia: uma bela igreja, uma grande congregação, dividida em cultos em inglês, às 9h, e cultos em swahili, às 11h. Eu era o responsável pelos cultos em inglês, mas participei várias vezes do culto em swahili também, com tradução.

O culto começava com pouca gente, e o pessoal vinha chegando, sem pressa de olhar para o relógio. Certa vez, um africano disse: “Vocês têm o relógio, nós temos o tempo”. No final, a igreja estava lotada! – O primeiro casamento que celebrei teve mais de quatro horas de atraso. As tradições locais determinavam os preparativos para o casamento na casa da noiva até ela ser liberada para ir à igreja. – Um sepultamento que realizei demorou umas seis horas, com quatro cerimônias distintas: no necrotério, na igreja, na casa da falecida e no crematório, interrompido por volta do meio-dia para um lauto almoço oferecido para todos os participantes. E cada momento tinha a sua mensagem e liturgia próprias. – As visitas nas casas não tinham pressa. Eram realizadas entre 11 e 14h, podendo se estender mais. Nenhum outro compromisso poderia ser marcado para aquele dia, pois a visita não tinha hora para terminar. Depois das devidas apresentações, um momento de estudo bíblico, seguido pelo almoço. A tradição é comer com as mãos. Sempre me arrisquei a pedir um talher; ganhava uma colher... Era considerado ofensa terminar a visita sem participar do almoço.

A liturgia do culto em inglês era muito semelhante à Liturgia II que usamos na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Mas era uma outra linha melódica, muito bonita. Participei dos cultos durante um mês para aprender o ritual antes de celebrar o meu primeiro culto. O ritual era solene, envolvendo a procissão de entrada, o lavar das mãos antes da celebração da santa ceia (um pastor ajudava o outro a derramar a água da jarra para lavar as mãos), diáconos e leitores estavam sempre à disposição. O pastor da comunidade Swahili sempre participava dos cultos em inglês e foi de grande apoio para mim. A presença de participantes brancos normalmente não enchia as duas mãos. Visitantes de mais de 40 países participaram dos cultos no primeiro ano. A diversidade cultural era vista na maneira de cultivar e nas roupas típicas de diferentes raças e povos.

A liturgia do culto em *swahili* era um misto de antigos elementos litúrgicos dos primeiros missionários alemães e de recursos locais. Dois corais postados à direita e à esquerda da área do altar dirigiam os cantos. Danças, palmas e sons típicos animavam o povo. Não raro o coral ia para o corredor da igreja, seguido pela congregação em danças e cantos.

Foi uma experiência incrível! Muitas vezes parava e pensava: Todos eles são meus irmãos luteranos! Não aquele luterano alemão sisudo e estático que frequenta os nossos cultos em muitas congregações, mas

cristãos luteranos animados e alegres em celebrar culto ao Deus Redentor, que os tirou das trevas para a maravilhosa luz de Cristo!

A santa ceia foi outro desafio: celebrada com muito respeito e solenidade, todos se ajoelhavam para receber o corpo e o sangue de Cristo. Como Nairobi tinha um escritório da Organização das Nações Unidas (ONU) e outro da Federação Luterana Mundial (FLM), vinham aos cultos e à santa ceia visitantes luteranos de todas as origens, desde os mais ortodoxos até representantes de igrejas consideradas liberais. Certa vez ajoelharam-se lado a lado o secretário-geral da FLM e um professor do Seminário Concórdia de St. Louis, MO, da Lutheran Church-Missouri Synod – LCMS... Isso jamais seria aceito em certos círculos luteranos, mas naquela igreja era normal... para mim nem tão normal assim...

Cidade do Cabo, África do Sul: A situação aqui foi diferente. A congregação pertencia a um sínodo alemão bem tradicional. Mas devido à distância geográfica das outras congregações do sínodo (uma distância equivalente a Porto Alegre ao Rio de Janeiro), e devido à sua formação, a congregação tinha suas características próprias. A língua usada era o inglês, mas custei para me acostumar com o sotaque sul-africano, bem diferente do sotaque do Quênia. Os membros estavam curiosos para conhecer o novo pastor... Mais tarde confessaram que custaram a se acostumar com o meu sotaque. Por um lado, liturgicamente, era muito conservadora. Para muitos membros, a Liturgia II da IELB, em inglês, poderia ser celebrada a cada domingo. Por outro lado, membros vindos por profissão de fé estavam abertos a novidades. Novamente usei um pouco, usando PowerPoint para ilustrar o evangelho e depois para introduzir algumas alternativas litúrgicas. Não houve problemas.

LITURGIA E CULTO NUM CONTEXTO MISSIONÁRIO/EVANGELÍSTICO | CONTEXTUALIZAÇÃO E CUSTOMIZAÇÃO: SITUAÇÃO 4

Moçambique: Para começo de conversa, o próprio povo vive um choque cultural: a maioria ainda mora de maneira primitiva em cabanas de palha e dorme sobre esteiras, fazendo suas necessidades nas macegas e cozinhando no fogo de chão; mas já tem celular e acesso ao mundo via internet. Outros já vivem em casas de tijolos, com um pouco de conforto, mas sempre em tensão devido às pressões políticas e guerras recentes.

Falo da região central do país, em que a Igreja Cristã da Concórdia em Moçambique (ICCM) está trabalhando.

Nesse contexto, aportamos por lá em 2007, um ano após ter começado a missão patrocinada por duas congregações da Igreja Luterana do Canadá. O missionário era um moçambicano, refugiado da guerra de independência, que encontrou acolhida no Canadá. Ativo na sua congregação, foi incentivado a estudar teologia e voltar ao seu país de origem para evangelizar o seu povo. Mesmo sendo moçambicano, o pastor José Alfazema já tinha perdido suas origens, pois havia saído de Moçambique quando tinha uns 15 anos; e estava com 56 quando voltou como missionário, altamente influenciado pela cultura e pela Igreja Luterana canadense. Foi um choque cultural para ele.

Ele fez o melhor que pôde. Pregou e ensinou a sã doutrina luterana, traduziu a Liturgia II para a língua local, o *chisena*, e muitos foram convertidos pelo seu ministério. Em 2007 foi meu primeiro contato com ele, quando ainda morava no Quênia e visitei Moçambique. Ele pediu ajuda para a formação teológica de oito candidatos que estavam sendo instruídos para serem pastores nas suas respectivas vilas. Em 2010 começamos com os cursos da Educação Teológica por Extensão (ETE), sob supervisão do Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS, Brasil.

Os líderes e o povo estavam sedentos da Palavra de Deus. Absorviam cada palavra com avidez. A igreja foi crescendo, novas turmas da ETE foram se formando, o pastor André B. Plamer entrou no time em 2013 e outros pastores da IELB, da Alemanha e dos Estados Unidos lecionaram nos cursos oferecidos pela ETE.

Infelizmente, o paternalismo tradicional de missionários luteranos foi trazido para Moçambique pelo pastor Alfazema. Quando as congregações do Canadá deram por cumprida a sua missão ao formar a primeira turma de oito pastores, a IELB teve que assumir a missão sem estar preparada. A área da mordomia ainda precisa ser muito bem trabalhada, principalmente levando em conta a extrema miséria em que a maioria do povo vive, dependendo de suas parcas plantações, constantemente devastadas por enchentes, ciclones ou por animais, como os elefantes e ratos. Mas isso é um assunto à parte.

Em termos litúrgicos, aperfeiçoamos a tradução da Liturgia II feita pelo pastor Alfazema, tendo a ajuda de um tradutor. A liturgia em português

é usada só numa congregação, na capital da província, Beira. Mas estão se formando outras congregações que querem usar a língua portuguesa em seus cultos. Outras línguas tribais, como o chona, também precisarão de nossa atenção.

A liturgia é falada. O pastor fala e diz também a parte da congregação, que é repetida até a congregação memorizar o responsivo. Esse sistema faz parte das culturas com tradição oral, que é o caso nessa região de Moçambique. Um projeto prevê a impressão de 10.000 exemplares da liturgia para que cada família possa ter um exemplar. Para muitas famílias isso não vai ajudar, pois não sabem ler. Devido às guerras do país, muitos não tiveram a oportunidade de ir à escola. Mas a geração nova está sendo um pouco mais bem preparada.

Não vimos como introduzir a linha melódica da liturgia devido às culturas musicais muito diferentes da nossa. Seria como tentar ensinar a tabuada aos nossos índios, quando muitos deles ainda contam: 1, 2, muitos... Preferimos seguir a orientação do pastor Alfazema, que desde o começo permitiu que o povo cantasse seus próprios hinos, às vezes copiados de outras igrejas, mas geralmente compostos por alguém do grupo. A linha melódica é muito simples e repetitiva. Geralmente um líder canta a parte principal e a congregação repete o refrão. A parte principal dos hinos pode ser uma história bíblica, ou um episódio pessoal ou local, num testemunho de fé.

A liturgia se tornou um elemento de unidade e de identificação da ICCM. As igrejas pentecostais independentes que existem naquela região não seguem qualquer liturgia. Muitas delas, fundadas por líderes locais e sem qualquer embasamento doutrinário, estão procurando a nossa igreja para encontrarem uma unidade e receberem instrução bíblica. Como a própria liturgia é uma confissão de fé e uma pequena “dogmática”, ela serve de apoio para a frágil fé desses grupos que estão se filiando à ICCM. Há uma urgente necessidade de mais líderes para instruir o povo que está procurando a verdade e se achega à ICCM.

Este elemento de unidade que a liturgia cria não estava no meu conceito de liturgia no início do meu ministério. Fui, inclusive, bastante crítico quanto à “ladainha” proposta pela liturgia, pelas Matinas, Litanias e outras ordens de culto tradicional, achando ser “vã repetição”. Hoje reconheço o valor da liturgia em ambiente missionário. Ela fornece um elemento básico e consistente no qual o neófito pode se firmar.

LITURGIA E CULTO NUM CONTEXTO MISSIONÁRIO/EVANGELÍSTICO | CONTEXTUALIZAÇÃO E CUSTOMIZAÇÃO: SITUAÇÃO 5

A IELB hoje: Tendo voltado ao Brasil após 14 anos de trabalho na África, encontrei duas realidades contrastantes no que diz respeito à prática litúrgica.

Por um lado, a informalidade na condução do culto atingiu limites incontrolados. A facilidade de uso de *Power Points* estimulou a criatividade. Como ponto positivo destaco o uso de imagens que ajudam a ilustrar as leituras bíblicas e as datas litúrgicas do ano eclesiástico. “Parafraçando” o uso de vitrais, esculturas e alto relevo usados durante a história da igreja como forma de ensinar as histórias bíblicas ao povo iletrado, a modernidade trouxe o recurso do PPT e outras técnicas para ensinar as crianças e ajudar os adultos a tirar o máximo de proveito das leituras bíblicas e do culto. Como crítica, cito o risco do “homem show”, quando pastores podem acabar sendo percebidos como um “animador de auditório”, falando muito além do necessário, explicando o que não precisa ser explicado, pois está tudo ali no *Power Point*, e chamando a atenção para si, não para o momento do culto.

O culto, classicamente falando, tem dois momentos que se intercalam: é o serviço que Deus presta ao homem através da Palavra e dos sacramentos, e o serviço que o homem presta a Deus através do louvor e da oração. O termo “culto” vem de cultivar, adorar, o que pressupõe uma atitude solene de respeito e humildade diante de nosso Deus Pai, Filho e Espírito. Infelizmente a Igreja Luterana no Brasil perdeu o hábito de ajoelhar-se, que demonstra uma humilde dependência de Deus, junto ao qual buscamos o perdão e a graça. Experimentei, na Igreja Luterana da África, como é forte e marcante o hábito de ajoelhar-se durante a confissão e a absolvição, durante algumas orações e ao receber o corpo e o sangue do Senhor na santa ceia.

O excesso de informalidade nivela o culto à conversa entre os membros antes e depois do culto e desconcentra a atenção e a adoração.

Por outro lado, influenciados pelo movimento *High Church*, da igreja-irmã LCMS, jovens pastores, algumas vezes influenciados pelos movimentos litúrgicos nos Estados Unidos ou na Alemanha, outras vezes tentando reagir à falta de zelo com a liturgia, querem voltar a uma formalidade exagerada na celebração da liturgia.

Concentrando-se na área do altar e no aspecto de adoração do culto, quase que se esquecem do povo numa formalidade litúrgica que privilegia os gestos e a postura do pastor. Não vou entrar em maiores detalhes, mas este movimento afeta também a celebração da santa ceia num cerimonialismo que beira à prática e teologia da Igreja Católica Romana, e que precisa ser tratado com seriedade por nosso Seminário e pela Direção da IELB.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra. A lição do pêndulo continua atual: Quando um movimento se desloca para uma extremidade, podemos ter certeza de que num segundo momento ele se deslocará para a outra extremidade. Precisamos usar os recursos que a tecnologia e a comunicação nos propiciam sem prejudicar a essência do culto no que diz respeito à adoração a Deus e ao serviço à comunidade.

CONSIDERAÇÕES

Ao escrever sobre liturgia e culto num contexto missionário/evangelístico (contextualização, customização), decidi não recorrer a fontes secundárias e a pesquisas em livros da área, como geralmente se faz num trabalho ou num artigo acadêmico, mas compartilhar a fonte primária da minha variada experiência nessa área. É uma área de que eu gosto e à qual dediquei boa parte do tempo ao preparar os cultos que dirigia. Fica aqui o incentivo à valorização da liturgia sem cair em exageros, mas sempre levando em conta que somos servos de Deus no anunciar a sua Palavra e oferecer os seus sacramentos, e servos da congregação ao nos dirigirmos com ela a Deus em louvor e adoração.